Salomão Rovedo

Amor a São Luís



e Ódio

(Um reencontro apaixonado)

Rio de Janeiro

2007

“Cercada de águas e sonhos,

De glória, de maresia,

A ilha é sobretudo circundada

De Poesia.”

Bandeira Tribuzi

“Cheira a morte o crepúsculo de São Luís!”

Nauro Machado

“E aonde quer que eu fosse,

seria aqui meu abrigo:

o destino não me trouxe,

fui eu que o trouxe comigo.”

José Chagas

Escrito em 1986

eBook publicado em 2007

Parte I

CANTARES DO ILHÉU

(Atracação, Encantamento, Feitiço)

“A ventania entrava pela janela da frente, em turbilhão. A chuva vinha também da frente, e molhava de todos os lados. Lá longe, o mar cinzento, quase escuro, e a cortina de água caindo sobre a terra, alagando tudo, tudo dominando. De vez em quando uma nervura de luz cortava o céu, metia medo em meu coração e desaparecia. De vez em quando também trovejava.”

João Mohana – “Maria da Tempestade”

....

“A ruazinha deserta se derrama pelos meus olhos afora, com uma luminosidade extraordinária. Sei que este sol que a banha não é o mesmo daqueles tempos, em que uma certa moça vinha à janela, de minuto a minuto, numa ansiedade angustiosa. (...)

“Eu vejo, perplexo, numa ilusão momentânea, que uma janela se abre e, dela, desponta, como uma flor, a moça de dantes. E me encaminho, a passos lerdos, em sua direção. Mas, quando vou mais perto e me preparo para cumprimentá-la, a janela se fecha, rudemente, à minha cara, e fico decepcionado com a revelação: tem gente nova morando na casa dela. Agora, que fazer, entre estas ruínas, que não se agitam, não vivem, não têm mais forças para restituir-se, nem restituir-me, àquela outrora, que ainda hoje tanto me perturba?

Deixo a rua, aniquilado, para nunca mais voltar.”

Lago Burnett – “Travessa do Passado”

CANTARES DO ILHÉU

1.

No princípio a névoa,
(nódoa turva de saudade),
a ânsia de saber e buscar,
a aflição de perder e reencontrar.

Mazelas da vida.
Antes era apenas um nó no peito.
Depois foi o reencontro
com a paisagem encharcada.
Chuva criadeira, grossa,
que vinha seguida do cheiro da terra,
eflúvios que exalam do chão
varando as narinas,
o clamor da piçarra úmida.
Vinte e muitos anos se passaram,
São Luís,
antes que o regresso às florestas
de babaçu e de unha-de-gato
se fizesse realidade.
Lágrimas...

2.

São Luís,
vista do alto,
é um ponto
– quase nada.

Para quem chega,
um ponto branco,
surgindo
da madrugada.

Para quem parte,
um ponto negro,
uma mancha
desmaiada.

Para quem vive,
um ponto neutro,
que se resume
em calçadas.

Para quem aqui
ganha a vida:

apenas uma

pousada...

Para quem tem

vida cigana,

comedouro –

uma parada.

Por que então

estes olhos

te vê fêmea

apaixonada?

3.

As gotas d'água caem intercaladas em milimétrico espaço entre si, formando um gradeado perfeito, que encarcera os seres nos mais inesperados sítios. Enquanto prende o corpo, liberta o espírito, o livre-pensar, que forma as indagações, essas tais que fazem a gente seguir mutante, misterioso, cabalístico.

4.

Aqui pisou Daniel de La Touche,

Senhor de La Ravardière.

Aqui holandeses tentaram fundar
a pátria equinoquial.

Aqui escravos *mina* lapidaram cantarias,
encravaram azulejos e portugais,
cultuaram deuses ao som dos atabales,
temperaram com o sal do suor
os fundamentos da comida maranhão.

Aqui Manuel Beckman – judio e errante,
resolveu fincar os calcanhares
e findar as noites e os dias.
Depois virou Bequimão e tentou
liberar o Maranhão do lusitano.

Aqui os lusos continuaram a reinar
sobre a gente, mesmo depois
da independência brasílica...

Aqui repousaram poetas, românticos,
pintores, escritores, grandes damas
do teatro cênico das operetas,
tenores e contraltos, soprano e baixos,
reis das retretas e da ópera lírica.

[Tenho de relembrar tanta coisa neste momento,
vadiando pelas ladeiras gosmentas,
quando busco também encontrar o menino,
que nos estreitíssimos becos aspirava enleado
o cheiro da vasa marinha, entranhado
nas paredes seculares, vivendo seus sonhos.]

5.

Reconheci a mesma janela
que teu rosto emoldurava:
era na Rua da Paz,
quando de manhã passava.

Tua expressão arredia,
quase louco me deixava.
Tua boca carnuda pedia,
eu mil beijos implorava.

Os cabelos negros luzidios,
o vento leve esvoaçava.
Eu diminuía os passos,
volta e meia até parava.

Azulejo azul e branco,
o portal da cor mais alva.
Teu rosto pálido sorria,
e louco me atarantava.

Gardênia, Gardênia, Gardênia,
teu nome mudo eu rezava...

(Hoje o quadro está vazio,
nem vi que o tempo passava...)

6.

A chuva quando cai em São Luís
é farta, ancha, definitiva, fatal.

7.

Nas praias o tempo passa
coberto de maresia.
Areia, vento, sol, tudo passa
coberto de maresia.
Olho d'Água, Ponta d'Areia,

quanto tempo não as via.
Ali mesmo que o tempo passa
coberto de maresia.
Nas praias o murici
em qualquer canto nascia.
Calhaus, Araçagi, Ribamar,
palmeira, caju e coqueiro,
tudo que é mato crescia.
Hoje o quê! Quase nada,
hoje só passa o tempo
coberto de maresia.
Na cidade são os passantes,
faltosos em heresia.
São pisados pelo tempo
coberto de maresia.

São Luís, teus ares mostram
um odor peculiar:
é a maresia que vem
perdida do alto mar,
trazendo com ela a *vasa*,
pros teus seios perfumar.

8.

São Luís,

minha São Luís,

tenho gosto ver-te assim,

com meus olhos de menino.

Se te visse gente grande,

quanta coisa perderia!

O mingau de tapioca

– perderia.

O pequi com arroz

– perderia.

O cachorro-quente

(carne moída,

pimenta de cheiro)

– perderia.

A farinha d'água

– perderia.

Ainda bem que cresci a tempo

senão

a morena dengosa

– perderia.

9.

"(...) Por trás das negras nuvens o sol continua a brilhar." Tem razão H.W. Langfellow, mas quantos de nós, obres mortais, somos capazes de varar as espessas cortinas do céu com a visão super-humana e miraculosa, como a dos heróis das histórias de quadrinhos?

10.

Contam-me da invasão,

que houve no Filipinho,

como coisa sacramentada

nos anais históricos de São Luís.

Para quem ali empinou papagaio,

banhou na chuva, pegou caranguejo

e catou sururu, cada narrativa

é um prego, a lacerar todas

as trezentas e sessenta e cinco chagas

que penosamente carrego.

Invasão, aterros, terras divididas,

coisas tais de cidade grande, desvirtuada,

coisa de novos franceses que invadem,

destroçaram ainda mais as lembranças

que tinha de ti, São Luís, engolfando

os míseros pedaços, as sobras de mim...

11.

O cheiro de suor e do peixe seco
e do peixe frito.
O aroma picante do sururu
ao leite-de-coco.
O sal ardido do camarão seco
com farinha d'água.
O ardoroso sabor da pimenta de cheiro
moída na calda do peixe cosido.
A leveza e o azedinho do cuxá.
A doçura da ata e da sapota.
O agridoce bacuri e a pretinha juçara.
O doce de buriti, a garapa, o mel de cana.
O paladar adstringente, único, da tiquira.
A singular coloração da pele,
dos cabelos, das *roxas* de São Luís.
O ardor, o sabor, a doçura,
a saliva de mel da mulher...

No mercado da Praia Grande,
Ai de quem perder os sentidos!

12.

Nos telhados centenários soa lúgubre, o ruído da chuva, persistente, cadenciada, dolente, semelhante a pessoas estiradas, em repouso eterno, nas redes de tucum.

13.

(Mulher, quando te vejo
em gozo de aluvião,
desespera-se meu almejo,
em busca de sensação,
de ter-te sem nenhum pejo,
presa de amor e perdição...)

Eis que transmites desejo,
como o rugir de um vulcão.

Teu ventre liso derreado
tem planuras dos desertos.

Teus olhos negros encravados
nas crateras de um vulcão.

Tuas nádegas amorreadas,
imitam dunas do deserto.

Teus lábios tenros, encarnados,
vertem lavas de um vulcão.

Tuas coxas, assim largadas,
são como um oásis do deserto.

Teus seios de bicos rosados,
pousam na encosta de um vulcão.

(E já que estou tão perto
do centro do teu vulcão,
os pêlos encaracolados,
afasto-os com devoção,
ternamente ali deponho
a boca em persignação...)

14.

Eu juro, eu vi!

Nas ruas escuras,

uma louca carruagem,

puxada por dez mula-sem-cabeça,

assusta notívagos que ousam vagar

àquelas horas ao ermo...

Meninos, fugis?

Don’Ana Jansen chicoteava

encolerizada os escravos,

que ganiam de medo e dor,

arrastando pesadas correntes,

que soltavam faísca no chão de pedra.

Eu ouvi, eu juro!

A manguda quer pegar um

e arrancar-lhe os olhos

para iluminar as trevas

das quais está catriva,

eternamente cativa.

Correi, meninos!

Fugi do Bicho Folharal,

de poderosos braços galhos,

de folhas paralisantes,

ele quer raptar um para

a terra da Floresta Negra,

aquela terra encantada,

d'onde jamais voltarão.

Eu juro, eu vi!

Correi, meninos!

Eu ouvi, eu juro!

Meninos, fugis?

15.

A chuva cai,

cai em toda a ilha,

sem economia,

deixando as gentes

isoladas,

solitárias,

perdidas.

[A chuva – sempre

e eternamente a chuva...]

16.

Hoje a sede é de saudade,
mas já pousei para beber água
nas tuas fontes escondidinhas.

Na fonte do Ribeirão,
quantas vezes matei a sede!
(de amor e de bebida).

Na Fonte das Pedras
a água secou o meu suor
e porejou a fronte de luz.

À Fonte do Bispo
(sabia que está abandonada?),
quando lá retornarei?

Em Santo Antônio,
no Convento,
a fonte foi sufocada.

Hoje a sede é de saudade,
mas um dia repousei

para matar todas as sedes:

(de amor e de bebida),

a minha fronte pousei,

nas tuas fontes perdidas.

17.

A Sereia da Praia Grande

um dia me enfeitiçou

com seu canto de sereia.

Não era Sereia, era mulher

– e, sendo mulher, rolou,

comigo rolou na areia.

A Sereia da Praia Grande

piscou os olhos,

fez bichinho e sorriu.

Não era Sereia, era fêmea

– e, sendo fêmea, gozou,

meu abraço gozou e dormiu.

A Sereia da Praia Grande
tinha os olhos azuis
e o pêlo ruço das germanas.

Não era Sereia, era ninfa
e, como as ninféias,
doida, doidivanas.

A Sereia da Praia Grande,
com escamas de paetê,
noite adentro deslumbrou.

Não era Sereia – era Rainha,
como as rainhas, insana,
que meu peito entronizou.

A Sereia da Praia Grande
um dia me encantou
com seu cantar de Sereia.

Não era Sereia, era mulher
– e, sendo mulher, me amou,
comigo gozou na areia.

18.

"A chuva caía meticulosamente, sem pressa de cessar. (...) Não havia céu, não havia horizonte – era aquela coisa confusa, translúcida e pegajosa. (...) Nem uma estrela. Nem um pirilampo. Nem um relâmpago. Anoite era feito um grande cadáver, de olhos abertos e embaciados." Bernardo Élis – "Nhola dos Anjos e a Cheia do Corumbá" – provavelmente nunca esteve em São Luís, mas as chuvas de Goiás são as mesmas, as mesmas chuvas que causam espanto, as mesmas que caem por aqui...

19.

Onde o céu de São Luís?

Ninguém sabe, ninguém viu.

Está por sobre as nuvens

pretas da cor do breu.

Onde as estrelas e o luar?

Quem faz seresta esqueceu

Ddo palco-terra iluminado,

feito d'areia e de mar.

Onde a moça na janela?

O canto de amor que a atrai,

por detrás da persiana,

é um rock. Canção? Jamais!

(Hoje porque chove, nada se vê,
mas aqui Chopin ia se dar bem:
ao invés do Prelúdio Gota d’Água,
comporia o Prelúdio Enxurrada).

20.

Eis as lágrimas.

Finalmente as lágrimas chegaram,
transbordando das pálpebras,
inundando toda a face ilhada.

Finalmente o soluço se liberta.

Eis o soluço, ontem retido na goela,
na garganta um nó só,
o soluço do homem só,
que enche o peito e mais
– e agora vaza pela boca afora.

Torrente da mesma enxurrada,
grito a correr pelo meio fio, incontido.

Lágrimas de cristal que a luz

parca atravessa, através da vidraça.

Chuva ou lágrima, eis o mistério.

21.

Sorte daqueles que se agarram desesperadamente às suas coisas, a seus pertences, às suas paixões, desesperadamente – do contrário, quando a chuva cair, estarão todos perdidos, todos perdidos...

22.

Não pretendo tecer vínculos,

nem de amor nem de falsidade.

Aqui não ando forjando laços,

nem de amizade nem de adoração.

Eu nem sequer tenho uma alma,

que me leve para a eternidade.

Que não pretendo tantos santos,

nem de promessa nem de devoção.

Que eu, nem sequer tenho uma fé,

que aponte o caminho da verdade.

São Luís, como fui gostar de ti,

ilha vil, resto de vulcão e de aluvião?

(Eis que mostro, em nuvens carregadas,

veredas ternas – de perene saudade,

nas quais – profeta – deves ir a pé

e desvendar porque me tens tanta paixão).

23.

À noite chove. E como fica longa e solitária a noite que chove, nesse conchavo interminável com as águas torrenciais, de bíblicos dilúvios. Sozinho na sala, um livro largado na mesa, sonatas de Beethoven, fica longa e solitária a noite, perdida em conchavo com as águas torrenciais, de bíblicos dilúvios, a tocar outra sonata nos telhados.

24.

Avermelhar à tarde,

Quando o sol já posto,

Não mais a pele arde,

Não mais arde o rosto.

Avermelhar o oposto,

Quando o sol, à tarde,

Não mais tosta o rosto,

Não mais a face arde.

Já posto a avermelhar,

Sem arder, sem queimar,

Nem mais quando o sol,

À tarde avermelhar,

Sem pele arder, tostar,

Na tarde, na Rua do Sol.

25.

Pela rua, à toa,

leve mariposa,

de todos esposa,

ao acaso voa...

Voa livre, voa à toa

e o meu ser esposa,

por acaso, mariposa,

voa leve, leve voa.

De muitos esposa,

leve, vaga à toa,

mas jamais repousa.

Apenas voa, só voa,

(esperando a lousa),

lá na João Lisboa.

26.

Sob a torrente de chuva, os trópicos de São Luís ficam mais ilhados do que a própria ilha. E tristes. Tristes porque perderam a luz do sol. Tristes porque perderam o fulgor das estrelas na noite escura Tristes porque perderam as réstias de luar que banham a praia. Tristes porque as mulheres escondem a pele morena sob muitos panos...

Parte II

ROMANCEIRO INSULAR

(Travessia, Amor, Adeus)

“Cercada de águas e sonhos,
de glória, de maresia,
a ilha é sobretudo circundada
de Poesia.”
Bandeira Tribuzi

“Em São Luís servem ótimos crepúsculos.”
Lago Burnett

“E aonde quer que eu me fosse,
seria aqui meu abrigo:
o destino não me trouxe,
fui eu que o trouxe comigo.”
José Chagas

“Cheira a morte o crepúsculo de São Luís!”
Nauro Machado

ROMANCEIRO INSULAR

1.

Tomo emprestadas
as palavras
de Gott Efraim Lessing,
para entredizer:
São Luís,
ontem amava-te,
hoje sofro,
amanhã morro...

2.

Na Rua da Paz descia o bonde
com a leve velocidade do vento.
Era ali naquela rua bem aonde
se me esvaía todo o pensamento.

A veneziana branca esconde,
a musa que já era meu tormento.
A meu olhar ousado não responde,
sem sequer mostrar arrependimento.

Coração tonitruante de desejo

(era isso mesmo o que ocorria)

no corredor úmido do casarão.

Hoje nem a musa nem o bonde vejo,

aquele que a Rua da Paz descia,

com a velocidade bruta da paixão...

3.

O mar, sempre o mar. O sal impoluto. O solúvel sal da terra. O mar envolvente, opressor. O mar eterno, milenar. Veios de amônia e éter, que vagam pelos espaços siderais. Sempre o mar, o mar próximo, o mar para sempre. O mar que é chuva inascida. O mar que é o lar de todos os rios. O mar que é a chuva, a chuva que é o mar. A ilha, que é feto, envolvida por esse âmnio miraculoso, eterno, imortal...

4.

O som das sinfonias

e noturnos varava a noite

no silêncio dos grilos,

do coaxar das rãs e sapos.

Depois, quando a calada

era ainda maior que o piar

das corujas, ecoavam longe
os tambores, ecoavam
nos terreiros e salões
das Casas das Minas.

Deitado na rede, de olhos
abertos para a escuridão,
o menino vagava sozinho,
pelo restinho de mata virgem
que sobrou nas quebradas do sítio.

Era onde algumas mucuras,
sagüis e camaleões faziam
festa, ousavam circular
catando frutas, bebendo
água, a água límpida do poço,
que existia nas grotas do covão.

Era tempo de aventuras...

5.

Os olhos negros – feitiço,
Seios em flor – viço.

A se esgueirar pela janela

– Ela, sempre ela!

Cabelos longos – bruxaria,

Em óleo de rosas – reluzia.

A face rósea de donzela

– Ela, sempre ela!

Os lábios rubros – carmesim,

Carne e mel – ai de mim...

Doce aroma de canela

– Ela, sempre ela!

Um corpo cheio – cortesã,

Seios de bicos – de romã.

Santa sem altar ou capela

– Ela, sempre ela!

6.

Nuvens grávidas, nuvens cheias, pojadas, que expelem fetos, coriscos, sem rota certa, que parem trovões de som estereofônico, que geram naus, quebradiças, em mar desfeito pelo vento. Fantasmas, lobisomens, mulas sem cabeça, monstrengos, avoadiços, de formas diversas, extraterrestres, indistintas figuras, que ondulam, trepidam, movem-se no vácuo, jogam ao som das vagas, celestiais, despojando todo o equilíbrio do mundo!

7.

O Bar do Basílio enlouquece
hoje em dia qualquer visitante.
Primeiro uma *cana* me aquece
(e ao bucho no mesmo instante).

Depois vem uma *cerva* gelada
pra preparar o guloso apetite.
Logo, logo, uma farta peixada
(– quem recusa tal convite?)

Pimenta temperada no coco,
arroz, cuxá, farinha d’água,
pra quem gosta ainda é pouco!

Corpo e alma, em calma frágua,

por causa do tempero louco,

que estar longe só traz mágoa...

8.

A vida escorreita,
sem qualquer cicatriz,
pela Rua do Giz
escorre, estreita.

Pele de verniz:
eis do que é feita
a alma reeleita,
morta por um triz.

A paz que se deita,
feito meretriz,
a tudo afeita,

pouco faz feliz
a alma liqüefeita,
viva por um triz.

9.

O firmamento inteiro despenca num turbilhão, como um mar imenso de cristal, vidro, pedrarias, missangas. Chove o tempo todo, chove por inteiro, transtornando as faculdades, morais, espirituais. Abate as forças físicas, como um veneno fulminante. Mesmo o amor não resiste a tanto poder, tanta brutalidade. Mesmo a paixão se torna impotente, como que enfeitiçada pelos poderes de Zé Negreiros – o Santo Mago do Turu.

10.

O mar arrebenta

No cais de pedra

Da beira do mar.

Lerda, sonolenta,

A saudade medra,

Lenta, devagar.

A lágrima arrebenta

Os olhos de pedra

De nunca chorar.

A saudade lenta,

Armadilha apedra

Deste regressar.

A vaga arrebenta

O sal que empedra

Até mesmo o ar.

Lerda morte, lenta,

O ânimo desmedra,

Tempo de zarpar.

A lágrima arrebenta

No cais de pedra,

Av. Beira mar.

11.

Rua Vinte e Oito...

Ali se conquista,

Fama de chupista

Antes dos dezoito.

Jovem bem afoito,

Dado a conquista,

É mais alcovista

Após cada coito.

Coube a Amélia

Ofertar lobélia

Como uma maçã.

(Anjo de doidice,

Transfez com meiguice,

Est'alma pagã...)

12.

A chuva é boa, mas também é trágica: em São Luís, corta as pessoas, rompe elos, decepa esperanças, provoca desilusões...

13.

Eros, encachaçado,

Leve se esgueira,

À margem, na beira,

Do mangue alagado.

Eva, mel, brejeira,

Ao sátiro alado,

Oferece o lado

Da sua esteira.

Tango ou bolero,

Ouve-se ao longe,

Ao som do diaulo.

Eis o outro clero:

O perdido monge

Vaga por João Paulo.

14.

Estrela do Norte,

taciturna, bela estrela,

estrela da morte,

cujos olhos deságuam

turbilhões de cristais,

sobre os líquidos tetos,

telhados de água.

Azul lua, inexplorável,

que por sobre montanhas,

transparente espias a noite,

que ainda não é noite,

e sondas os dias,
que jamais serão dia.

Rios. Rios que escorregam
tristes, sôfregos, pobres,
rios de escorreitas mágoas,
por de cujos inenarráveis,
Náiades, fêmeas, a rigor despidas,
saias godês, sungas, corpetes, anáguas.

Rios. Ruas que cercam asfaltadas
extensas avenidas, podres avenidas,
esqueletos de corpos escalavrados,
em outras eras pervertidos...

Vampiro. Vampiro que breve suga
a cerveja da lata estupidamente gelada,
vaga pelas ruas, pelas Ursas, Cruzeiros,
Adrômedas, vasculhando latas de lixo,
à cata do merecido sossego secular.
Imune ao Dom do bem, ao som do mal,
para morrer o sono da noite eterna,
chupa a safena, o peito, a perna,
encrava a cruz no coração e dorme.

15.

Amar, ouvindo a chuva caia lá fora, os corpos unidos, grudados, gosmentos, que nem caldo de mocotó (até que a chuva tem a sua utilidade humana...)

16.

O poeta de cordel cantava

as aventuras de Cancão de Fogo,

dava notícia da Donzela Teodora

e dos Sete Pares de França,

de crimes corriqueiros.

Dos sertões de Garanhuns,

da morte de personalidades,

dos amores impossíveis.

Coronéis e jagunços no mundo,

perseguindo casais apaixonados,

em fuga pela caatinga.

Terminaria a história com final feliz?

A família acolheria o casal,

a filha fujona, o neto recém nascido,

sob o mesmo teto, como filhos?

O herói prenderia o bandido

ou seria assassinado,

emboscado em nome da justiça?

A resposta fica pra quem tem

dinheiro pra comprar os folhetos.

Para o menino que fazia gazeta

na escola para ouvir o poeta de cordel,

restava a porta da imaginação.

17.

São Luís, São Luís,

o que dizer de ti?

De tantos lugares cativo,

doutros me compadeci.

Hoje que a ti regresso

já tenho ciúmes daí.

Noutras cidades vaguei,
muita terra e pó bati.

Lugares que pernoitei,
avenidas que percorri.

De tantas me amasiei,
outras, mil traições sofri.

Nenhuma, porém, mais bela,
as emoções que senti,
quando te reecontrei.

Ruas que outrora corri,
ninfas adulterinas amei,
paixões que não preenchi.

Desconfortos do coração,
até que em vão me perdi.

São Luís, São Luís,
– O que será de mim sem ti?

18.

Castelos voláteis, tal silhuetas tenebrosas de ciclopes armados, batem-se nos espaços, em desigual porfia. Filmes de ficção científica. Viagens estelares. O ronco do trovão aos poucos emudece. Raios deixam de rabiscar o firmamento. No céu um portal de azul infinito vai se abrindo, lentamente, sobre a ilha, como um véu, caudal estelar. São Luís vive de novo o burburinho dos passantes. O falatório das comadres, vizinhas. O grito dos moleques. Os olhares ternos dos namorados.

19.

Estrela, estrela do meu norte,

triste e muda estrela,

estrela da morte,

estou partindo pra tentar a sorte,

um turbilhão de diamantes,

lago azul inesgotável,

do espelho que refletes,

na baía de são marcos,

face viva, face inteiriça,

lúdica expressão do que foi,

do que é, do que nunca será.

Eis-me tolo que deixa marca,

grafitos paleolíticos,

impressões digitais,

carteira de identidade,

título de eleitor e CPF,

nos alvíssimos muros

como herói de cemitério,

que nada teme, nem diz,

nem contradiz, ex-herói,

morto num vietnam qualquer,

inacabado, historieta de cartum,

guarda das hermas solitárias,

esquecidas, dos logradouros,

como a prevenir o que passou,

o que passou – passará,

o que vai, inexoravelmente.

Mas isso nem é outdoor

ou anúncio de jornal

no Dia dos Namorados,

no Dia das Mães.

Estrela do meu norte,

bela estrela diuturna,

estrela da morte,

peguei-te pela cintura,

em pose de fotografia
3x4 – busco identidade
para um notívago opcional,
que ainda se enleia com o piano,
com o acordeão e alguns
noturnos de Francisco Mignone.

Varre tuas poeiras carregadas,
de água etérea, purificada,
ventos eólicos relampagueantes,
trovões como tambores longe,
varre com ondas que não podem
apagar o fogaréu eterno,
cuja lamparina arde, arde,
e as ninfas clareia suplicando
carícias, angélicos carinhos,
deste vil, desfigurado ateu.

O mar, cirro-cúmulo obsedante,
gotículas em suspensão,
encharcadas de sal, sal,
esse mesmo mar que viaja mundo,
esse mesmo pré-histórico mar,
vem de mansinho beijar

o claro escuro dos teus pés,

Ponta D'Areia, Ponta D'Areia.

Enquanto telhados lodosos

debruçam-se sobre ladeiras,

paredes sagradas guardam

cadáveres de barões e baronesas,

que outrora pisavam macio,

flutuando sobre tapetes persas,

soturno assoalho de imburana.

20.

A chuva tem suas regras próprias, vida autônoma, interdependente. Não adiante chamá-la nem exorcizá-la: chega repentinamente, sem aviso prévio, quase sempre lúgubre, mas impetuosa, tal e qual a "Visita da Saúde", que se arrancha de sopetão nas cabeceiras dos corpos doentios, como para anunciar: "A morte, a besta-fera, vem aí. Se entristeçam, chorem lágrimas. Chorem lágrimas, se entristeçam..."

21.

Nuvens são nacos de algodão,

tendo como fundo um céu

de azul pombalino.

Formam rostos alegres,

desenham anões e gigantes,

descrevem batalhas inúteis,

naus desbravando (m)ares.

O hálito quentíssimo do sol

se abate sobre a epiderme,

despejando suores pelo corpo.

Prisioneiro das chuvas,

nem sequer consegue respirar,

quando o astro rei, voluntarioso,

se mostra valente demais.

Sabe-se caminhar na caatinga

de pedra e asfalto quente.

Aí já é hora de clamar

pela brisa morena de rosto

redondo, cabelos negros,

luzidios, olhos de mormaço,

corpo roliço, seios de sapoti,

implorar, implorar, um tempinho,

um microssegundo que seja,

de amor, de amor, de amor...

22.

O mar – mar de seara inesgotável,
de peixe, ouriço, lagosta,
esse mesmo aí que traz escolhos,
camarão, polvo, lula, calamar,
lambidos elementos de outros mares,
marisco, tartaruga, ostra, enguia,
haloplanctos – oh, algas benditas,
sururu, siri, caranguejo, congrio,
oferenda dos botos sagrados
que a praia seca, seca e salga.

Enquanto igrejas apodrecem,
os tiranos vão à rua em reclamo,
cobram voto, entregam promessa,
éditos e proclamas denunciam,
os pasquins apregoam crimes,
subsiste ainda a escravidão,
social, racial, nua, imperial:
– Que falta hoje aqui nos faz
– O Manuel Bequimão!

O mar, de cuja entranha exala

o próprio perfume de Deus,

esse que libera os pescadores

do terreno sustento material,

deprime a ilha que vira depositório

de negro em camisa de time de futebol:

Sampaio, Moto Club, Ferroviário,

cujas glórias aleitaram a infância

e varam os anos impunemente.

23.

Enquanto águas correm para os rios

e estes, biblicamente, dão ao mar,

e este, inconseqüente, oprime a ilha,

deixa-a pequenina e bem menor

ao olhar do pecado e do pecador.

24.

Após o forte calor, é a vez da chuva violenta fustigar a pele, do vento chicotear o rosto, a alma, dolorosamente, como um látego de fogo. A natureza toda chora, as telhas centenárias derramam pranto. Mas o que importa tudo isso? O que nos diz a crueldade? Que importa se a ilha afunda como uma nau destroçada? Que importa se tudo em volta é água e lama, água e vento, água e látego? Estou aqui – estou em ti – o sol está em nós!

25.

Tal um mero turista,
nessas ruas à toa,
pela joão lisboa
vou correr a vista.

No Largo do Carmo
faço uma pausa:
a emoção que causa
no peito desarmo.

Entre tanta gente
sou desconhecido:
como apetecido
um cachorro-quente.

Percorro a Rua Grande,
cheio de aflição:
mas, cadê o bonde
canto da viração?

Quase meio-dia
(sinto o sol a pino),

leva-me o Destino

à Praça da Alegria.

O melhor pecado,

que me satisfaz:

vadiar no cais,

perto do mercado

26.

Upaon-Açu, Ilha Grande,

Chego de longe transido,

E eis-me aqui desterrado,

Exilado entre becos,

Dos teus ares abandonado.

Upaon-Açu, Ilha Maranhão,

Logo eu, que tinha jurado,

Não mais tentar os descaminhos,

Banido de corpo e alma,

De corpo e alma descarnado.

Upaon-Açu, Ilha Rebelde,

De repente acovardado,

Bajulando tuas cantarias,
Esse caos assobradado,
Balcão, fachada, telhado,
Que a ferrugem do espaço,
Duramente tem demarcado.

Upaon-Açu, Ilha de São Luís,
A paixão me detém apaixonado,
Enfim, deixo-te repartido,
Como o boi é descarnado,
A alma vai mais sofrida,
Coração – em ti encravado.

27.

Ora perco a linha
Pelos teus desvãos,
Vendo teus meãos
De cidadezinha...

Nesta chão soturno
De tuas vielas,
Vago entre ruelas
Navegar noturno.

Lá no cemitério

São Pantaleão,

O velho João

É o salvatério.

Choro com a chuva,

Quando digo adeus:

Logo esqueço os teus

Ares de viúva.

É essa a solidão

Que o ser enerva

E envenena a erva

Do meu coração.

Deixo-te São Luís,

Por demais amar-te,

Sou alguém que parte

Triste e infeliz...

28.

A chuva – sempre e eternamente a chuva...

29.

Sei que não devo esquecer
Nênias ao meu amigo Waldir.

Ele era a ilha em memória
E trazia os amigos no peito.

O canto plangente é para ele,
Que representa outros peitos.

Nele relembro os outros,
Que tantos não reencontrei.

Mas, quando eu não os via,
Era Waldir quem lembrava.

Estavam lá, em espírito,
Nas ruas, bares, calçadas.

Bebiam comigo e comiam
As comidas mais gostosas.

Quando longe desesperava,
Era Waldir quem resistia.

E quando não quis mais voltar,
Foi ele que me manteve vivo.

Sei, não posso esquecer jamais,
Poucas Nênias ao amigo Waldir.

30.

...E para aos amigos do Filipinho,
de São Luís, Maranhão,
que insistiram em conviver
com suas infiéis mataduras,
sonhos, dramas pessoais,
amores, amizades, dores,
– pela enorme coragem.

Também aos outros ausentes,
(mas que insistem em ficar,
grudados que nem carrapato,
agarrados em nosso coração),
aos amigos que se foram

desta pra outra pior (bem pior!)

– uma tonelada de saudade.

São Luís/Rio de Janeiro

Abril a Junho de 1986

O autor

Meu nome é Salomão Rovedo (1942), tenho formação cultural em São Luis (MA), resido no Rio de Janeiro. Sou escritor e participei dos movimentos culturais nas décadas 60/70/80, tempos do mimeógrafo, das bancas na Cinelândia, das manifestações em teatros, bares, praias e espaços públicos.

Textos publicados em: Abertura Poética (Antologia), Editora CS, RJ, 1975; Tributo (Poesia)-Ed. do A., RJ, 1980; 12 Poetas Alternativos (Antologia), Trotte, RJ, 1981; Chuva Fina (Antologia), Trotte, RJ, 1982; Folguedos (Poesia/Folclore), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed.dos AA, RJ, 1983; Erótica (Poesia), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed. dos AA, RJ, 1984; Livro das Sete Canções (Poesia)-Ed. do A., RJ, 1987.

e-books: 4 Quartetos, poesia (2007); 7 canções, poesia (1987); A apaixonada de Beethoven, (2001); Amaricanto, poesia (2003); Acordar e Despertar (Priscila Rovedo) (2006); Arte de criar periquitos, contos (2006); bluesia, poesia (2006); Cervantes, Quixote, etc, artigos (2006); Gardência, romance (2006); Ilha, narrativa (2000); Mel, poesia (2006); Meu caderno de Sylvia Plath, fotos&rascunhos (2006); O sonhador, contos (2006); Os sonetos de Abgar Renault, antologia (2006); Porca elegia, poesia (1987); Quatro vezes Gullar, ficção (2007); Rocks & Sambarrancho, poesia (2007); Sentimental demais, poesia (2002); Sonja Sonrisal, contos (2006); Stefan Zweig Pensamentos e perfis -c/Izabella Kestler (2006).

Outras coisinhas: publiquei folhetos de cordel com o pseudo de Sá de João Pessoa; editei o jornalzinho de poesia Poe/r/ta; colaborei esparsamente em: Poema Convidado(USA), La Bicicleta(Chile), Poetica(Uruguai), Alén(Espanha), Jaque(Espanha), Ajedrez 2000(Espanha), O Imparcial(MA), Jornal do Dia(MA), Jornal do Povo(MA), A Toca do (Meu) Poeta (PB), Jornal de Debates(RJ), Opinião(RJ), O Galo(RN), Jornal do País(RJ), DO Leitura(SP), Diário de Corumbá(MS) – e outras ovelhas desgarradas, principalmente pela Internet. Tenho também e-books disponíveis gratuitamente em vários sites:

http://www.4shared.com/
http://www.logospoetry.org/
http://personales.ya.com/alkionehoxe/porca.pdf
http://www.revista.agulha.nom.br/srovedo.html
http://andar21.fiestras.com/
http://recantodasletras.uol.com.br/
http://www.logoslibrary.eu/
http://www.dominiopublico.gov.br/
http://www.belaspalavras.com/



Foto: Priscila Rovedo

e-mail do autor: rovedod10@gmail.com